

Nosso amigo Gilberto Mendes

Our friend Gilberto Mendes

CELSO TENÓRIO DELNERI
Núcleo Hespérides das Américas
celsodelneri@gmail.com

Resumo: Violonista e regente coral, o autor relata alguns momentos de convivência com o compositor Gilberto Mendes, como aluno e parceiro de trabalho.

Palavras-chave: Gilberto Mendes; Festival Música Nova; música para coro; música contemporânea

Abstract: Guitarist and choral conductor, the author reports some moments of coexistence with the composer Gilberto Mendes, as student and partner.

Keywords: Gilberto Mendes; Música Nova Festival; contemporary music; music for choir.

Nosso, meu amigo Gilberto Mendes

Meu contato com Gilberto Mendes se iniciou em 1975, no Festival Música Nova. Dentre tantas memórias possíveis a relatar, gostaria de apresentar estes poucos registros.

Primeiramente, enquanto era regente do Coro Feminino da ECA, não hesitei em pedir ao Gilberto uma peça para o grupo. Ele nos presenteou com o lamento *Vila Socó, meu amor*. Referência ao filme de Alain Resnais *Hiroshima, meu Amor*, a obra foi uma homenagem à memória dos mortos pela destruição de uma vila de casas de madeira, edificadas sobre palafitas, em Cubatão: a Vila Socó. O grande incêndio provocado por vazamento de óleo inflamável, pelo descaso das empresas petroquímicas da Baixada Santista. Converteu “tudo em pó”. Gilberto Mendes jamais se omitiu das denúncias e lutas sociais. Outra peça se seguiu, dedicada ao Coro Feminino – *Mais Mao, menos Mal*¹ – proposta de ação vocal e cênica. Essa música não pôde ser executada naquele momento. Desculpa, Gilberto!

Outro aspecto é a provocação pelo humor crítico. Gilberto Mendes esteve sempre cruzando as sonoridades de nossas vidas. Muitas vezes, mostrava seu lado “cômico” ou mesmo “irônico”. Explorava o então denominado “teatro musical” – hoje, música-teatro - obra com ação cênica, sem texto verbal em que músicos-atores interpretavam uma “música visual”, muitas vezes silenciosa. A partitura mais se assemelhava a um roteiro de cinema, arte a que Gilberto sempre se referia como uma possível escolha de profissão de cineasta se não tivesse optado pela música. É o caso de *Pausa e Menopausa*, em que três cantoras ajoelhadas mexem café na xícara e simulam bebê-lo. A plateia sempre se comportou como se assistisse a uma comédia, com risos que, ao longo de um tempo musical extenso, davam lugar a um pensar crítico aos costumes de nossa sociedade burguesa com ranços aristocráticos. Humor? Sem dúvida! Risível? Não sei... A suposta ironia de suas obras deve ser tratada com absoluto respeito à poética de sua arte.

Certa vez, numa roda de compositores de música contemporânea na qual se discutia a necessidade de uma associação da classe, surge uma pergunta sobre a importância da profissão. Gilberto toma a palavra: - “Eu sou bancário...”. O ambiente se transforma em uma confusão de risos e perplexidade tal qual a estética de suas peças de cena. Mais uma vez, Gilberto sem riso em seu rosto, sinalizava a seriedade de sua crítica.

Um último registro vem de meu lado instrumentista. Isso foi em 2004, por ocasião do 39º. Festival Música Nova. Tive a oportunidade de tocar a parte do violão amplificado da obra *Rastro harmônico*, para orquestra (madeiras/metais/percussão/piano/celesta/violão amplificado/2 sax-alto/2 sax-tenor/cordas), sob a direção de Lutero

¹ Em seu catálogo de obras, a peça aparece com o nome de *Enigmao*, sobre poema de Florivaldo Menezes.

Rodrigues. Partitura de escrita tradicional, precisa e clara. Logo veio à mente os concertos de Vivaldi, *L'estro armonico*. Numa conversa no intervalo dos ensaios, Gilberto diz que sua música “vai deixando um rastro harmônico”. Nenhum sinal de riso ou ironia foi notado em seu rosto. Gilberto Mendes respeitava profundamente o significado de executar uma obra musical no palco, em um concerto público. Seu espírito crítico, consciente de seu papel social, emanava um criador disciplinado, sem espaço para devaneios vazios.

Encontrar com Gilberto era sempre um exercício de concentração, sem espaço para banalidades e um sério compromisso com a reflexão. Gilberto como professor dava a liberdade de cultivar o gesto como algo que, na expressão temporal, transforma-se em música. Lição que levei pelos anos afora... VIVA GILBERTO MENDES!